

Sociologias

Sociologias

ISSN: 1517-4522

ISSN: 1807-0337

Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFRGS

Rocha, Maria Zélia B.

As Sendas da Verdade: um olhar foucaultiano sobre a busca da verdade

Sociologias, vol. 20, núm. 47, 2018, Janeiro-Abril, pp. 308-336

Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFRGS

DOI: <https://doi.org/10.1590/15174522-020004712>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86858135011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFRGS redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ARTIGO

As Sendas da Verdade: um olhar foucaultiano sobre a busca da verdade

Maria Zélia B. Rocha*

Resumo

Este ensaio trata da relação verdade-saber científico, utilizando o aporte teórico desenvolvido por Michel Foucault. Destrincha uma analítica da verdade, percorrendo a senda trilhada pela razão ocidental em busca da verdade. O artigo demonstra, sob a perspectiva foucaultiana, como o saber ocidental se constitui como verdade e, portanto, como conhecimento científico. Conclui, incursionando sobre as possibilidades de o homem ansiar pela verdade.**

Palavras-chaves: Conhecimento científico. Saber. Metodologia. Ciência.

* Universidade de Brasília, Brasil.

** Trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Sociologia, organizado pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), realizado no período de 01 a 05 de setembro de 2003, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

The Paths of the Truth: a Foucauldian look into the quest for truth

Abstract

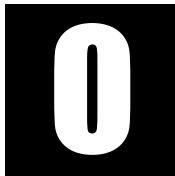
This essay addresses the relationship between scientific knowledge and truth, drawing on Michel Foucault's theoretical contribution. It untangles the analytics of the truth, by going through the path taken by Western thought in search of truth. Based on a Foucauldian perspective, the article shows how Western knowledge is constituted as truth and, therefore, as scientific knowledge. In conclusion, it delves into human possibilities to long for truth.

Keywords: Scientific knowledge. Wisdom. Methodology. Science.

“...nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais...”

Umberto Eco

Introito



foco deste artigo é a relação entre verdade e saber científico – uma questão que subjaz à temática central das reflexões de Foucault, que é a relação saber-poder. No desenvolvimento do tema, percorreu-se a senda trilhada por Foucault ao construir uma arqueologia e genealogia do saber, explorando as possíveis vinculações, aproximações, bem como disparidades e meandros entre conhecimento científico e verdade, cavando elementos para construir uma analítica da verdade, para usar uma expressão foucaultiana.

Vasculharam-se as obras de Foucault, bateando as filigranas da relação verdade-conhecimento científico. Este trabalho consiste em trilhar o pensamento de Foucault sem a preocupação de cotejá-lo com outro

referencial teórico. É Foucault em Foucault e as tentativas de análises e conclusões que ele incita a ousar, por conta e risco.

Uma ressalva faz-se necessária: Foucault deixou claro e inequívoco que o saber se constrói por intermédio do discurso. Delineou de forma transparente a intimidade entre discurso e linguagem, bem como a vinculação xipófaga entre linguagem e signo. Optou-se, nesta abordagem, por não seguir essas nuances. A relação entre linguagem e signo, tanto quanto a inter-relação entre discurso e linguagem, demandaria um arcabouço oriundo da etnolinguística, que não serve de escopo a este trabalho. Uma fuga ao pensamento foucaultiano? Pode ser. Mas Foucault é por demais desestruturante para ser plenamente assimilado aos primeiros olhares.

O texto referência de Foucault é *As Palavras e as Coisas*. Usando as palavras de Ternes para explicar a escolha: “apesar de toda a polêmica desencadeada na época de seu nascimento, ainda não deu, acredito, os frutos que poderia dar.” (Ternes, 1995, p. 46). Abandonar-me ao pensamento foucaultiano, superando receios e permitindo-me ser levada por águas tão revoltas que provocam sensações tão estranhas, este o sentido. Sem dúvida, o trabalho jaz incompleto. Demanda aprimoramento por meio de nova garimpagem em outras obras de Foucault, assim como em outros comentadores e críticos do pensamento foucaultiano.

As palavras que aqui buscam harmonizar-se no sentido de compor uma peça constituem trajetória que principia. É a primeira parte de um projeto que requererá um olhar acurado sobre o conceito de verdade, sobre a relação verdade-poder, sobre a relação dos intelectuais com a verdade. Um projeto que demandará olhar também para outros aportes teóricos, no sentido de estabelecer distâncias, proximidades, cruzamentos, relações... enfim, diálogo. O trabalho é, assim, uma primeira tentativa de proximidade com as provocações que Foucault coloca de maneira tão desconcertante. Não tem a presunção de se considerar findo, ao contrá-

rio, sabe-se finito e compartilha a certeza de que segundos, terceiros...
enes olhares serão necessários a fim de aprofundar o tema escolhido,
cônsia de que nunca estará completo – é uma luta constante, urdida no
momento da tessitura do texto...

De acontecimento em acontecimento

A trajetória do homem em busca da verdade é longa e tormentosa. Primeiramente, trilhou os caminhos das fábulas, das histórias contadas pelo saber não reflexivo, espontâneo, da sabedoria do povo¹. As religiões, como formas mais elaboradas do pensamento, vestiram a roupagem das certezas nas verdades. A Filosofia ocidental, embrionada no pensamento grego, deu-se o título de amante da verdade. Confortável posição. A relação de amante configura um tipo de vínculo que se estabelece por querer e por prazer. Um compromisso tão essencial que dá significado às existências dos seres envolvidos. O Direito não ficou de fora. O arcabouço jurídico cristaliza normas como formas cimentadas da verdade.

O racionalismo ocidental trilhou um caminho áspero. Foucault demonstra como a busca pela apreensão da verdade emerge de um vínculo primal entre as palavras, as coisas e o saber. Do empírico, os objetos emergem em uma representação que lhes dá significado por intermédio das palavras. Coisas e palavras estão de tal forma interligados, que só por meio da representação, que as palavras expressam, é que as coisas se tornam visíveis. Sem as palavras que traduzem a representação, a realidade permaneceria muda e invisível, portanto, sem existência para o homem. Os objetos do real somente assumem significado aos olhos do homem pelo crivo de um saber. É uma vinculação siamesa: as palavras tornam as

¹ A tese de que o saber popular comporta uma parcela de sabedoria ou constitui uma expressão inacabada e sem elaboração da verdade é encontrada, entre outros, em Weber (2008, p. 41), Gramsci (1987, p.143-8), Gaarder, 1995 (p.34-40) e no próprio Foucault (2002a, p.157).

coisas visíveis e compreensíveis ao homem, a realidade somente se expressa por intermédio das palavras; as palavras contêm uma representação da realidade; a representação subsume em si a lógica constituinte de um saber; o saber dá a luz às coisas por meio da parteira que é a palavra: “não se poderia dizer [...] nem ver [...] se as coisas e as palavras, distintas umas das outras não se comunicassem, desde o início numa representação.” (Foucault, 2002a, p. 178).

E o que é a representação? Representar é nomear, é dar nomes às coisas, é atribuir significado. Ao dar-lhes nomes, o olhar as torna visíveis e compreensíveis por intermédio das palavras: “Conhecer será, pois, interpretar: ir da marca visível ao que se diz através dela e, sem ela, permaneceria palavra muda, adormecida nas coisas.” (Foucault, 2002a, p. 44). Representar é instituir valor porque constitui o vínculo entre a realidade e o olhar que a ressalta por meio da palavra. A representação requer uma lógica *a priori* dos objetos do real. As coisas não são conhecíveis por si próprias. A representação torna a realidade conhecida por intermédio das palavras. Entretanto, é preciso ter claro que a representação expressa uma ideia ou uma imagem, mas não constitui a realidade nem a verdade. Os nomes expressam o valor dos objetos do real, os quais não se reduzem, por sua vez, ao que foi nomeado. Mas para um nome representar uma coisa é preciso ter, ele mesmo, valor. Os nomes têm um valor que lhes é próprio, atribuído pela posição que ocupam no espaço do saber. A representação nomeia e valora e, com isso, intenta “construir um saber tão verdadeiro quanto o de um entendimento eterno.” (Foucault, 2002a, p. 462). Constata-se o liame embrionário entre coisas-conhecimento-representação-palavras.

Nesse trilhar, o pensamento ocidental entende, primeiramente, que conhecer é descobrir similitudes. A descoberta das coisas – visíveis e invisíveis – pela semelhança desempenhou um papel construtor no pensa-

mento ocidental. Cabia à palavra apontar as parecenças entre as coisas. O pensamento ocidental vasculha a realidade em busca das que se parecem entre si. Acredita que descobrir semelhanças é descobrir a verdade: “As falsas membranas são frequentemente transparentes, sobretudo quando muito delgadas; [...]. A espessura dessas produções acidentais varia muito; são às vezes, tão tênues que poderiam ser comparadas a uma teia de aranha” (Bayle *apud* Foucault, 1998, p. vii-viii).

O pensamento que buscava similitudes como possibilidade de explicação e compreensão das coisas era o pensamento que vigiava. O olhar é linear, as palavras são medições que expressam quantidades e / ou qualidades primárias. O esforço para descobrir as semelhanças consistia no esforço para tornar as coisas visíveis. Torná-las visíveis significa torná-las compreensíveis. É a busca do significado da realidade: “Buscar o sentido é trazer à luz o que se assemelha.” (Foucault, 2002a, p. 40). As coisas tornam-se visíveis por intermédio das palavras. As palavras assinalam as parecenças entre os objetos do real. As palavras possibilitam trazer à luz a similitude das coisas mais encobertas, mais distantes e mais diferentes. A procura pela semelhança das coisas, que a palavra externa, é a busca pela significação do real – é a busca da verdade. Procria-se um saber que acumula similitudes a fim de confirmar outras semelhanças.

Nesse saber, constatava-se a continuidade entre as palavras e as coisas. O conhecimento manifestava-se ao nível da descrição das coisas, no qual as palavras e os objetos do real não se separam e caminham conjuntos: a linguagem aproxima-se o mais possível do que é visto, manifesta-se objetiva, precisa, fiel à realidade. O pensamento expressa “um olhar puro, anterior a toda intervenção, fiel ao imediato, que ele retoma sem modificar” (Foucault, 1998, p. 121). É o olhar que não intervém sobre a realidade, que se abstém de agir e, portanto, não modifica o real. O olhar que busca similitudes como possibilidade de conhecimento é o olhar que cala a cria-

tividade das explicações e no qual as palavras esperam os acontecimentos, limitando-se a coletar as impressões que os objetos oferecem. As palavras que descrevem as semelhanças expressam tão somente o que é visto.

Mas, para tornar visível a semelhança entre as coisas, faz-se necessário interpretar os sinais da realidade. As palavras assinalam as semelhanças, o saber interpreta os sinais. Eis aí o acontecimento primal na arqueologia do saber: a interpretação. A interpretação constitui uma ruptura com o momento anterior que se limitava a apontar as semelhanças. Trata-se agora de decifrar códigos que não estão visíveis: “O que é próprio do saber não é nem ver nem demonstrar, mas interpretar.” (Foucault, 2002a, p. 55). A interpretação é uma operação complexa, que comporta uma ruptura entre as palavras e as coisas. Interpretar sinais requer um tipo de “olhar equipado com toda uma armadura lógica que exorciza desde o início a ingenuidade de um empiricismo não preparado.” (Foucault, 1998, p. 121). Interpretar os sinais da realidade é desvendar segredos. Para desvendar segredos uma aparelhagem específica é necessária. Esta aparelhagem é o saber. A estrutura lógica, carregada de signos, permite a interpretação. É a interpretação que explica a realidade. As coisas não se explicam por si sós. As palavras dão sentido aos objetos do real e os tornam visíveis para a compreensão humana.

Na trilha em busca da verdade, o homem descobriu que as similitudes são ilusões que o olhar impõe. Prender-se às semelhanças é manter-se na superfície e recair em erro, pois as parecenças expressam tão somente o que é presente e o que está no presente. Promove-se nova ruptura no pensamento moderno. O pensamento ocidental deixa de percorrer o caminho das semelhanças na busca do sentido e passa a assinalar as diferenças – é um novo acontecimento.

As sendas em busca da verdade levam-nos a estabelecer comparações. Não se trata mais de buscar semelhanças, de fazer aproximações. As

similitudes são colocadas à prova pela comparação. É a possibilidade de se chegar a uma certeza perfeita. Só é similar ou só é diferente aquilo que é comprovado por intermédio da comparação. A operação agora é discernir. Discernir o que é próximo, o que é distante. Discernir características específicas, detectar as marcas. Discernir pela comparação é descobrir parentescos, relações, distâncias e proximidades entre os objetos do real. É estabelecer a identidade das coisas por meio da busca pela diferença. O racionalismo ocidental superou a era das similitudes e instaurou em seu lugar o primado das diferenças. Passou a buscar o diferente no semelhante de forma a poder explicar a realidade e dar-lhes uma significação que só o estabelecimento das idiossincrasias permite.

Atinge-se o discernimento por intermédio da descrição. A descrição é a tecnologia por meio da qual se transcreve o que é visível e busca-se tornar transparente aquilo que não está na superfície do olhar. O objetivo da descrição é atingir o caráter da coisa, assim se pode discernir entre o que é verdade e o que não é. A descrição busca o traço, a marca específica que distingue um objeto dos outros, trazendo à luz a idiossincrasia que confere identidade à coisa, pois esta: “é aquilo que os outros não são” (Foucault, 2002a, p. 200). Por isso a descrição atém-se às semelhanças e às diferenças, buscando tornar visível o que é invisível. A descrição torna transparente seja o que for subterrâneo, seja o que for exterior, para fazer surgir a singularidade da realidade em estudo.

O sistema de pensamento moderno, ao passar por todas essas sendas, chega à observação. Percebe que observar é a tecnologia mais bem aparelhada para apreensão da verdade. Observar não apenas semelhanças e diferenças, mas observar tudo. Observar estáticas, movimentos, correlações; o que é visível e o que não é; o que é particular e o que é universal; continuidades e rupturas, o que é superficial e o que está na estrutura; o que é periférico à coisa e o que é seu caráter. A observação

permite a inclusão e a exclusão de aspectos a serem considerados: tudo é passível de observação e de descrição, mas nem tudo é utilizável. A observação seleciona não só os objetos a serem observados, como os aspectos a serem ressaltados. Um conjunto de critérios, que possibilita a operação de incluir e de excluir, jaz embutido na observação. Não é, portanto, um olhar puro, destituído de uma capacidade de intervenção no mundo da realidade. Ao contrário, é o olhar carregado de uma lógica que possibilita a escolha do que vale a pena observar e daquilo que não é relevante. Observar requer o olhar atento para os detalhes, as sutilezas, os pequenos arranjos: “todo detalhe é importante [...]. Para o homem disciplinado, como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente” (Foucault, 2001a, p. 120).

Observação e classificação caminham juntas, pois os critérios que subjazem à seleção das coisas relevantes e ou insignificantes na observação configuram o arcabouço classificatório. O pensamento classificatório é o que delimita as coisas segundo uma lógica própria que o pensamento instaurou. Posiciona os objetos em um espaço do saber – o espaço da classificação: “uma disposição fundamental do saber que ordena o conhecimento dos seres segundo a possibilidade de representá-lo num sistema de nomes.” (Foucault, 2002a, p. 218). A classificação ordena os objetos e os situa em um espaço específico, pré-determinado. O enquadramento das coisas em uma zona de demarcação não se deu de modo consensual. Entre as correntes teórico-científicas estabeleceu-se o conflito: de um lado, as que consideravam que todas as coisas poderiam ser enquadradas em uma taxinomia; de outro, as que argumentavam que a realidade, a vida, as coisas são por demais complexas e diversificadas para serem delimitadas em categorias rígidas. O conflito não foi resolvido, entretanto, a classificação instalou-se no pensamento moderno como um nível de intermediação sobre a realidade: o saber organiza as coisas e dá-lhes significado, porque o olhar as situou em um espaço específico que

as palavras expressam e o saber organiza. A demarcação dos objetos do real nesse espaço do saber confere-lhes significação. Esse saber instaura-se como verdade. A verdade legitimada pela comparação, pois os passos percorridos na senda em busca da verdade tanto se processam por meio de rupturas, como por intermédio de continuidades.

A grande ruptura

O pensamento ocidental constata que tanto o estabelecimento de similitudes quanto a busca da identidade pela diferença são incompletas. As sendas que conduzem à verdade demonstraram que tanto a interpretação quanto a comparação e a classificação ainda não possibilitam atingir a verdade. O novo acontecimento institui a análise. Instaura-se o primado da razão em detrimento do olhar linear, descritivo: é uma nova ruptura em que as palavras e as coisas não mais se correspondem, uma língua é criada para explicar a realidade: “O saber não tem mais que desencravar a velha Palavra dos lugares desconhecidos onde ela se pode esconder; cumpre-lhe fabricar uma língua e que ela seja bem-feita” (Foucault, 2002a, p. 86).

É a análise, que se manifesta por intermédio dos códigos, dos cálculos, nas científicas linguagens herméticas. O saber deixa de ser hermenêutica das coisas e passa a ser episteme, transcende o nível de interpretação da realidade e transmuda-se em ciência: “é um estágio geral da razão, uma certa estrutura de pensamento [...] o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, [...] a sistemas formalizados” (Foucault, 2002b, p. 217).

O conhecimento adquire autonomia. Centrado em si mesmo, liberta-se das prisões que o encontrar similitudes impunha; desprende-se da obrigação de descobrir diferenças; amplia seus espaços para além da

limitada lógica classificatória que cerceia as coisas no minúsculo espaço da categoria e do presente, pois classificar é ater-se às marcas patentes do presente. Com a análise, o conhecimento alça voos além da restrita comparação entre os objetos do real e rompe os grilhões que a interpretação impunha. Pela análise, o pensamento plenifica seu exercício de liberdade.

Liberdade... solo fértil imprescindível para a verdade nascer, existir e reproduzir-se infinitamente. Para que se possa formar um conhecimento fiel, exaustivo e fidedigno a respeito de um acontecimento qualquer, é necessário um espaço de livre circulação de coisas, de ideias, de pensamentos, em que a relação das coisas entre si, das coisas com os seres, dos seres entre si, e de cada uma das partes com o todo seja sempre reversível e suscetível de transposição: “a verdade não pertence à ordem do poder, mas tem um parentesco originário com a liberdade.” (Foucault, 2001b, p. 60). A análise, justamente pelo exercício da liberdade de pensamento que lhe caracteriza, subsume em si a crítica. A crítica opõe-se ao comentário, que buscava similitudes e diferenças. A crítica põe a questão em termos de verdade e de mentira, fazendo surgir a oposição entre conteúdo e forma. Entretanto, impregna-se de exegeses a fim de fundamentar a relação verdade-mentira. Não pode, pois, desprender-se das coisas nem tampouco das formas descritivas e classificatórias dos discursos. A crítica situa-se, assim, na relação entre a linguagem, a coisa e o saber.

Mas, o que é a crítica? É uma maneira de pensar, de agir, de falar. Um instrumento, um meio, um olhar sobre um domínio, de forma a se conquistar a autonomia, a se libertar da sujeição, de modo a não ser governado por uma teoria, um método, um sistema de pensamento, um poder – seja sob qual forma esse se manifeste. É o movimento pelo qual o sujeito exerce seu direito à liberdade de se interrogar sobre a verdade – de duvidar da verdade, de duvidar do presente, de duvidar do visível, de duvidar do possível. É o exercício da rebeldia reflexiva e da criatividade libertas das estruturas do pensar, do querer e do fazer condicionados pelo usual. A crítica é o espaço onde se instaura a lógica da relação poder-

-saber, conexões cuja amplitude engloba todos os vértices das interações entre os sujeitos envolvidos. A crítica é a possibilidade de desvendar a rede de inter-relações existentes entre as coisas, entre os seres, entre as coisas e os seres, entre as palavras e as coisas, entre o pensamento e as coisas, entre o pensamento e as palavras, entre o pensamento e os seres. A crítica é o movimento em busca do autogoverno. A crítica permite, enfim, que nos aproximemos da verdade: sem as amarras do poder classificatório; desprendidos da obrigação de buscar similitudes; libertos do dever de encontrar diferenças; desobrigados da sujeição de comparar.

A crítica tem uma obsessão: a autonomia. Por isso a crítica é a reflexão que possibilita a descoberta da verdade, pois, para poder criticar é preciso ter autonomia. Criticar é pensar diferente e só pensa diverso do estabelecido² quem tem autonomia teórica, de método, política, ética... enfim, autonomia de pensamento. Criticar é não apenas ver a imagem refletida (a representação das coisas), mas o lado fosco do espelho (o que subjaz à representação das coisas), como também aquilo que não está no espaço de cobertura da visão, como o quadro de Velásquez – *Las Meninas* (1657) –, que consegue ultrapassar as dimensões da coisa retratada, deixando visível a tela pintada pelo artista através do espelho; permitindo a visibilidade do artista; possibilitando o conhecimento do ambiente por intermédio da visão das personagens; conferindo existência do cômodo contínuo por meio da porta retratada na tela; mostrando a personagem situada em ambiente outro ao que se passa a cena principal e de onde a personagem estrangeira tudo observa; trazendo à cena o exterior, através da luz que incide da janela; explicitando a arte expressa em outras telas; e partejando os soberanos, figuras não presentes, mas visíveis por intermédio do olhar das personagens componentes do ambiente retratado no quadro.

² Conceito utilizado na acepção eliasiana, significando uma posição superior em relação a outro referencial com o qual se está em conexão. Norbert Elias criou-o para explicar a relação entre agrupamentos humanos. Assenforeio-me do conceito e faço uso de uma conotação ampliada, para explicar a relação entre sistemas de pensamento. Ver Elias e Scotson (2000).

A crítica é a expansão do raio de ação do olhar, por isso cria coisas novas, faz nascer novos objetos, possibilita o nascimento de realidades dantes inexistentes. Criticar é “pensar diferente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.” (Foucault, 2001c, p. 13). Por isso a crítica possibilita ao homem chegar à verdade, porque é o exercício da liberdade, porque duvida do estabelecido; porque busca o invisível no visível; porque atenta para coisas consideradas insignificantes; porque observa especulativamente os detalhes; porque olha diferente para as coisas que sempre foram olhadas do mesmo jeito. A crítica permite distinguir “a ilusão da verdade, a quimera ideológica da teoria científica” (Foucault, 2002a, p. 441). *Kritiké*, a arte de julgar, a atitude de espírito que não admite qualquer afirmação como verdadeira sem passá-la antes pelo crivo da razão. A crítica é a peneira de confere legitimidade ao saber. Se o saber galga os obstáculos impostos pelos rigorosos critérios da crítica, institui-se como verdade.

A crítica é uma atitude moderna, típica do racionalismo ocidental. Mantém uma relação primal com o presente. É a ruptura com a tradição, com a continuidade, com as repetições, na busca da novidade, do inédito, do descontínuo. A crítica é a postura engajada³ com o hoje, com o aqui, diferente da atitude contemplativa do expectador. A crítica, pelo questionamento dos

³ Postura engajada é a dotada de engajamento. Engajamento consiste na posição de extrema proximidade que um ser ocupa em relação a um referencial com o qual se encontra em conexão. Esse referencial pode ser um grupo, um movimento social, uma ideologia, uma instituição, um sistema de pensamento. Posição cujo distanciamento entre os dois é nulo. Engajamento é um conceito compreensível com o de distanciamento, o que Norberto Elias chama de “pares de conceitos opostos” (Elias, 2006, p. 29). O compromisso com o referencial leva ao engajamento. Esta é a atitude de comprometer-se com o referencial escolhido, não apenas idealmente, mas concretamente, por intermédio de ações. Há vários graus e modalidades de engajamento, apresentando-se uma infinidade de pontos posicionais que vão de um extremo a outro da posição. Em qualquer grau ou modalidade na qual se estabeleça, o engajamento consiste na adesão voluntária, seja ela propulsionada pela razão ou pela paixão. Dessa forma, o engajamento confere legitimidade à ação, ao ético-normativo que a orienta, bem como ao agente social que a empreende. Novamente, emprego uma acepção ampliada de um conceito elisiano (Elias; Scotson, 2000).

fundamentos do presente, possibilita a transformação da realidade. A crítica é, assim, poder. Poder porque modifica as coisas; poder porque só quem tem autonomia consegue criticar. E quem tem autonomia tem poder. Mas é um poder que não pode prescindir do saber. A consistência da crítica é o saber no qual se fundamenta. A crítica é o olhar acurado do saber que se manifesta como poder. A crítica usa o saber para pensar o impensável, diferente do presente. Com isso, a crítica constrói o futuro no hoje.

A análise e a crítica possibilitaram as condições para o surgimento de uma grande ruptura no sistema de pensamento moderno: a organização. As ciências são classificadas, os métodos são formalizados e justificados. O aparecimento dessa positividade⁴ é indício de uma profunda descontinuidade no sistema de pensamento moderno, que conduz ao estabelecimento do conhecimento disciplinado: “conjunto de enunciados que tomam emprestado de modelos científicos sua organização, que tendem à coerência e à demonstratividade, que são recebidos, transmitidos e às vezes ensinados como ciências” (Foucault, 2002b, p. 201-2). Surgem as disciplinas científicas. A organização torna a disciplina o espaço no qual, pouco a pouco, centraliza-se o conhecimento até totalizá-lo:

As ciências trazem sempre consigo o projeto mesmo longínquo de uma exaustiva colocação em ordem: apontam sempre para a descoberta de elementos simples e de sua composição progressiva; e, no meio deles, elas formam quadro, exposição de conhecimentos, num sistema contemporâneo de si próprio (Foucault, 2002a, p. 103).

A organização é o acontecimento arqueológico mais importante na estrutura do saber, porque, a partir daí, o significado que é atribuído às coisas não é mais devido às similitudes, diferenças ou idiossincrasias, mas

⁴ Utilização do conceito foucaultiano: “um outro número de enunciados referentes às semelhanças e às diferenças entre os seres, sua estrutura visível, seus caracteres específicos e genéricos, sua classificação possível, as descontinuidades que os separam e as transições que os unem” (Foucault, 2002b, p.203-4).

devido às relações que se estabelecem entre as coisas, entre elas e o sistema de pensamento em virtude da funcionalidade que apresentam no todo – o sistema de pensamento. A organização é “a retirada do saber e do pensamento para fora do espaço da representação.” (Foucault, 2002a, p. 334). Devido à organização, a representação perdeu seu poder de criar o vínculo que estabelecia entre elementos diversos da própria representação, ou seja, entre os objetos do real e as palavras que tornavam manifestos os sinais que a realidade emite. Portanto, a representação perdeu o poder de recriar a si própria. A organização concede um espaço interno às coisas, que é exterior à representação. Esse espaço interno é a posição que os objetos ocupam na estrutura do conhecimento. Essa posição é a expressão da verdade. “[...] a representação deixou de valer [...] como seu lugar de origem e a sede primitiva da verdade” (Foucault, 2002a, p. 334).

A organização estabelece uma ordem no espaço epistêmico moderno. O território do conhecimento é demarcado em localidades previamente delimitadas. Essa demarcação busca dar conta da multiplicidade do real. Ordena-se a diversidade. Com isso, as relações entre as coisas, entre os objetos e as palavras, entre a realidade e os seres modificam-se a partir de critérios aprioristicamente estabelecidos. As coisas são colocadas em ordem no campo do saber. A organização possibilita o surgimento de novas regularidades: objetos de estudo definidos; um *corpus* metodológico; um conjunto de proposições consideradas verdadeiras; regras estabelecidas; técnicas e instrumentos à disposição. Enfim, todo o arsenal que confere legitimidade ao conhecimento, dando-lhe melhores condições para o exercício do poder. A organização situa a verdade em uma posição. A legitimidade da verdade advém da posição que o saber que a enunciou ocupa no campo epistêmico. Esse lugar que o conhecimento ocupa é espaço de legitimidade e de poder. Essa organização confere legitimidade à verdade.

Com a organização, o espaço da análise perde sua autonomia e “já não constitui para o saber senão uma fina película de superfície” (Foucault, 2002a, p. 344). A organização permite que o caminho de busca da verdade chegue à síntese. A síntese é a tentativa de alcançar um grau mais profundo de unidade, em que as coisas se correlacionam e formam um todo passível de ser compreendido pela razão humana. A síntese seria, finalmente, a chegada na largada final: a verdade. É o reconhecimento da falência da taxinomia com seus esquemas classificatórios. Porque a classificação segmenta a realidade em espaços limitados a partir de superficialidades, enquanto a síntese interliga aspectos aparentemente contraditórios. A síntese mostra o que jaz oculto pelas diferenças de superfície e explica a relação entre realidades desconexas, enquanto a taxinomia enclausura as coisas em saberes finitos. A síntese é interdisciplinar, multidisciplinar. A taxinomia classificatória é disciplinar. Com a síntese, a episteme ocidental percebe que:

as diferenças proliferam na superfície, enquanto em profundidade elas se desvanecem, se confundem, se tramam umas nas outras e se aproximam da grande, misteriosa, invisível unidade focal de que o múltiplo parece derivar como que por uma dispersão incessante (Foucault, 2002a, p. 370).

A organização possibilitou o surgimento de campos empíricos que se correlacionam a disposições internas da episteme: a diferenciação entre as ciências analíticas e as que desenvolvem a síntese. Organiza-se a episteme em Ciências Puras – são as ciências *a priori*, que chegam à verdade por meio de operações baseadas na tecnologia da dedução, que se utilizam de fórmulas e cálculos, a linguagem própria da ciência – e em Ciências Aplicadas ou Empíricas, que são as ciências *a posteriori*, as quais chegam à verdade por meio da observação, testes e aplicação da dedução em fragmentos de realidade, em espaços delimitados. Instaura-se uma hierarquia. O espaço das formas puras de conhecimento autono-

za-se e detém soberania. É a Ciência. Os conhecimentos que advêm do saber empírico passam a dominar as reflexões sobre o ser humano, sua finitude, suas positivities – são as ciências. Essa organização promove uma ruptura no campo epistêmico moderno. É o acontecimento no racionalismo ocidental.

A organização do campo epistêmico, estruturada em uma segmentação interna, expressa a diversidade aparente das coisas. Subjaz aqui o conflito latente, não resolvido, quando da instauração da classificação na epistemologia moderna: a realidade é por demais fluida, dinâmica, mutável para ser apreendida em espaços delimitados do saber; toda a realidade é passível de ser apreendida por meio de códigos que a explicam e, por conseguinte, a delimitam em designações classificatórias, para que possa ser compreendida. Reafirma-se a ruptura entre as palavras e as coisas, já estabelecida quando a análise introduz a linguagem própria da ciência – os códigos, os símbolos, os cálculos. Uma língua nova, criada para expressar a verdade pura, que constitui, em verdade, um sistema definido por um saber *a priori*:

Os fenômenos foram assassinados e embalsamados com números e signos; a tumba científica foi pintada com figuras multicoloridas, que representavam as experiências por meio das quais enterramos tudo o que não é mensurável e eterno no ser singular (Goethe apud Starobinski, 2002, p. 364).

Assim, nas trilhas em busca da verdade, o pensamento ocidental criou o método, “alma da ciência [...] que na extrema confusão se descobre a ordem soberana da natureza.” (Foucault, 2002a, p. 221). Constitui o instrumental, a tecnologia, no dizer foucaultiano, que possibilita chegar à verdade. O método é o Caronte da Ciência. Caronte, o barqueiro dos deuses do olimpo, cuja função é conduzir as almas humanas em sua jornada ao reino de Hades. Para se chegar até ele, ou para se sair dele, necessita-se enfrentar Cérbero, o guardião do reino – monstro de três cabeças,

cauda de dragão e corpo de serpente –, atravessar os quatro rios – o das chamas ardentes, o de águas gélidas, o das águas paradas e o dos lamentos –, e enfrentar os três juízes que decidem o destino de cada uma das almas a partir de seus feitos. Essa é a ciência de Caronte, o único capaz de domesticar Cérbero e o único que conhece os caminhos através dos quatro rios e de como superar os perigos próprios a cada um deles. Enfim, o único que conhece o caminho de entrada e de saída do reino de Hades.

O método é o barqueiro que conduz o homem através das águas do conhecimento. Chegar ao reino de Hades seria, em uma linguagem metafórica, chegar à verdade. O método pretende a totalização do objeto, descrevendo parte por parte, observando diferenciadas variáveis, detectando a rede de relações na qual se insere a coisa. E, nessa rede, ainda conseguir distinguir a especificidade que torna a coisa única. Apesar da organização que caracteriza o método e de sua função de pôr ordem no mundo, “o método deve estar sempre pronto a retificar a si mesmo” (Foucault, 2002a, p. 197), do contrário, como captar a verdade? A crítica, o pensar diferente, não pode estar ausente do método, do contrário, este se enrijece, enferruja e perde sua condição de instrumental, de tecnologia com a qual se alcança a verdade.

O maior de todos os acontecimentos

Desse acontecimento – a organização – emergem consequências importantes para o sistema de pensamento ocidental em seu empreendimento de busca da verdade: afloram temas transversais de análise como o trabalho, a vida e a linguagem – o que Foucault chama de metafísicas ou quase-transcendentais: nascem campos empíricos novos, correlacionados a esses temas-objetos – é a constituição da Sociologia, da Antropologia e da Etnologia; antigos campos se rearticulam – a Biologia

autonomiza-se das ciências da vida; a Literatura desprende-se da Linguística e da Gramática. Essas disciplinas são novas tecnologias⁵ de análise. A organização instaurou uma nova correlação de forças no campo epistêmico, na luta em busca da verdade. Novos campos de saber, novos tipos de relação com os objetos do real.

A organização fez aparecerem novos objetos cognoscíveis, novos conceitos, novas técnicas de investigação, novos campos do saber. Dentre eles, coloca-se a questão do viver humano: suas necessidades, desejos, realizações, pensamentos, sua finitude. O homem nasce como objeto de estudo e procria novos campos de saberes. De todos, o mais peculiar objeto, posto que é, ao mesmo tempo, objeto do saber e sujeito cognoscente – um duplo empírico-transcendental: “o homem aparece com sua posição ambígua de objeto para um saber e de sujeito que conhece” (Foucault, 2002a, p. 430). O homem nasce para o conhecimento moderno como objeto à medida que fala, que trabalha, que vive. Portanto, o homem não é apenas um mero objeto de estudo, mas um domínio positivo do saber. É o surgimento das Ciências Humanas⁶ e, com isso, o sistema de pensamento entra na Modernidade.

O surgimento do homem como objeto de estudo indica que a episteme ocidental toma consciência da existência do homem. É uma nova verdade que surge. A partir desse acontecimento, novos objetos, dantes impensados, abrem-se ao racionalismo moderno, como funções-norma (Psicologia); conflitos-regra (Economia, Sociologia); significação-sistema (Linguística, Literatura, Antropologia); emocional, inconsciente (Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria). Com isso, novos ramos do saber reorganizam-

⁵ Foucault denomina de tecnologias o conjunto de procedimentos que o homem emprega quando se debruça sobre um tema da realidade a fim de investigá-lo. As tecnologias englobam principalmente procedimentos lógicos criados pela capacidade de o homem produzir conhecimento, tais como: conceitos; teorias; metodologias, técnicas de investigação; sistemas classificatórios; disciplinas; o próprio saber já organizado e, naturalmente, o primeiro de todos - a palavra. Ver especialmente Foucault, (2002a; 2002b).

⁶ Mantive fidelidade ao pensamento foucaultiano que insere as modernas Ciências Sociais como Ciências Humanas. Ver Foucault, (2002a; 2002b).

-se. Reestrutura-se todo o campo epistêmico, no qual as Ciências Humanas ocupam o espaço intermediário entre as Ciências Puras e a Reflexão Filosófica. O aparecimento das Ciências Humanas indica uma espécie de desmatematização da episteme moderna devido ao seu objeto, às tecnologias empregadas, a sua vinculação estreita com a Ética e com a Política, através de seu “projeto de reconduzir a consciência do homem às suas condições reais.” (Foucault, 2002a, p. 504).

Por sua posição medial na organização do saber, as Ciências Humanas são instáveis, precárias e apresentam uma duvidosa proximidade com a Filosofia, sem, contudo, serem Filosofia; encontram-se mal alicerçadas sobre outros domínios do saber, devido à constante relação com outras dimensões, o que lhes confere um caráter secundário e derivado. Apropriam-se de conceitos, categorias de classificação, tecnologias de formalização e metodologias extraídos de outras áreas do conhecimento, o que faz com que as Ciências Humanas percam sua eficácia operatória, desempenhando apenas o papel de imagem. As Ciências Humanas não são Ciência, mas, ainda assim, seu nascimento constituiu o acontecimento na episteme moderna e revolucionou toda a estrutura do sistema de pensamento ocidental, consistindo em uma busca dos fundamentos do conhecimento, procurando “a verdade de toda a verdade.” (Foucault, 2002a, p. 472).

Eu preciso acreditar

A trilha construída por Foucault, pedra por pedra, objetiva responder à questão fulcral: como sucede que um pensamento tenha um lugar no espaço do mundo? Ou seja, como um determinado tema, em momento específico, é instituído motivo de preocupação e o homem se desdobra sobre ele a fim de chegar à verdade? O olhar sobre os animais, o solo, as plantas, as águas, o céu, enfim, sobre tudo o que fosse vida, levou à organização desse conhecimento nas Ciências Naturais. A preocupação com a riqueza, a produção, a circulação dos bens, o valor, a moeda, o mercado,

plasmou a Economia Política. As dificuldades do homem em lidar com a doença, as epidemias, a loucura, a busca da cura em todos os aspectos possibilitou as condições para o surgimento da Medicina, da Psiquiatria e da Psicologia. A curiosidade em torno da linguagem, das representações, das palavras configurou a Linguística, a Literatura e a Gramática. O saber que se estruturou tendo o homem como objeto de estudo, suas necessidades, desejos, relações conformou a História, a Antropologia, a Sociologia.

Em resposta a sua questão diretriz, Foucault explica que um pensamento encontra espaço no mundo a partir de designações primitivas das coisas e da imaginação humana. O homem nomeia as coisas de forma assistemática, não reflexiva, utilizando-se exclusivamente de sua imaginação, sem qualquer lógica pré-estabelecida. Essa designação primeira vai suscitar derivações que a imaginação do homem novamente provoca, de maneira que, em um dado momento, dispõe-se de um volume tal de disposições (designações + derivações) que a articulação entre elas se complexifica e conforma representações. As representações fundam o pensamento na episteme. Mas as representações não dão conta do todo e deixam lacunas. Essas lacunas no sistema de pensamento acumular-se-ão a ponto de suscitar indagações. E assim, lá no espaço de inexistência do saber, lá no mutismo da coisa dantes inexistente, abre-se a brecha para a criação do conhecimento.

A vontade de saber do homem o conduz a seguir as sendas traçadas. O homem, na busca da verdade, chega à ciência. Abre-se espaço para a discussão do compromisso da ciência com a verdade. Se, por um lado, Foucault demonstra que “a história das ciências se situa essencialmente num eixo que é, em linhas gerais, o eixo conhecimento-verdade, ou, em todo caso, o eixo que vai da estrutura do conhecimento à exigência da verdade.” (Foucault, 2000, p. 213), por outro lado, alerta para o fato de que a organização do campo de saber, a estruturação da metodologia indica o surgimento de “uma regra nova que já não é a regra da verdade, mas a regra da ciência.” (Foucault, 2000, p. 222). O próprio Foucault oferece luz ao final do túnel ao diferenciar saber e ciência: o saber pode

ser definido como uma prática discursiva que não coincide com a elaboração científica, mas é indispensável à constituição de uma ciência. Entretanto, nem por isso é “a soma do que se acreditava fosse verdadeiro” (Foucault, 2002b, p. 206). Por outro lado, os domínios da ciência abrigam proposições que obedecem a certas leis “que fossem tão verdadeiras quanto elas” (Foucault, 2002b, p. 207). O compromisso da ciência é com a busca da verdade. A ciência busca a verdade como possibilidade de explicação das coisas, da realidade, da vida. Para compreender as coisas e para que elas façam sentido, o homem precisa ter acesso à verdade e cria caminhos para acessá-la. A ciência é o caminho que o racionalismo ocidental instituiu como possibilidade de se chegar à verdade.

A verdade é um mito, um constructo ideológico, uma utopia, uma quimera? Cair na posição simplista que advoga a inexistência da verdade seria como olhar o lado fosco do espelho que não reflete a imagem e, por isso, oposto ao lado que o reflete. Foucault incita-nos não apenas a olhar as coisas do avesso, mas a olhar diferente, a pensar o impensável. Afirmar que a verdade não existe, que se trata apenas de um constructo místico, mítico, ideológico, enfim, virtual, que os homens criaram como amálgama que cimenta suas relações, não seria pensar o impensável. Não se trata de negar a existência da verdade. Argumentar que a verdade é um conceito criado por um sistema de pensamento e, enquanto tal, produto da razão humana, constitui posição simplista que redundaria em niilismo e, portanto, um posicionamento negador da realidade. Trata-se de ter consciência da dificuldade de acessá-la. A dificuldade de o homem acessar a verdade advém, em primeiro lugar, das idiossincrasias da própria verdade. Especificidades que o próprio sistema de pensamento moderno ocidental, que se empenha em descobri-la, ainda desconhece. O outro leque de dificuldades de acessar a verdade consiste nas fragilidades das tecnologias que o homem desenvolveu para a busca da verdade. Fragilidades que o sistema de pensamento moderno ocidental vem superando por meio da sofisticação do próprio sistema de pensamento e de suas aparelhagens lógi-

cas. Dessa forma, a questão à qual remeto a seguir não é o questionamento em torno da existência ou não da verdade, mas por que o homem não pode prescindir, em sua existência, da crença em uma verdade? Embora o porquê não seja preocupação presente no pensamento foucaultiano, todo o como desenvolvido na analítica de Foucault instiga, como disse anteriormente, por conta e risco desta interpretação, ao porquê.

Os homens empenham-se na construção da verdade, por intermédio de diferentes metodologias, configurando diversos sistemas de pensamento, porque a crença em uma verdade confere significado à existência humana. Por isso o homem labuta. Labuta em um trabalho interminável de descoberta de verdades. Trabalha para descobrir verdades que são provisórias e que serão substituídas por outras. Mas no efêmero momento de suas existências, as verdades têm o poder de plenificar a existência terrena e material do homem. Este se desdobra na e pela descoberta de verdades. Mas esse não é um trabalho de Sísifo, infundável, que se reduz à mesmice e, enquanto tal, não transforma a realidade, não modifica o ser que o desenvolve. A busca pela verdade é infundável sim, mas é, a cada momento, inovadora, seja no *modus operandi* que o homem emprega para descobri-la, seja no conteúdo que vem a se constituir como verdade. É, portanto, um labor que jamais se reduz à mesmice e, mais que isso, é profundamente transformador. A busca da verdade transformou – a história da humanidade provou isso – a realidade, a vida humana, o planeta Terra e o próprio homem. O homem busca a verdade, desde que o mundo é mundo, para viver, e não apenas para bem viver. Para poder existir, os homens precisam acreditar em uma verdade.

O homem tem vontade de saber porque precisa acreditar em uma verdade. Por isso ele se empenha nessa luta constante de busca da verdade. Empreende essa trajetória porque buscar a verdade é dar significado à realidade, ao mundo, à vida, à sua existência – às coisas. Assim, o homem envolve-se em uma luta constante e sem fim consigo mesmo, com as coisas estabelecidas, com as representações que ele mesmo cria. Colide

com a sua própria satisfação das coisas tidas e construídas para buscar saciar sua insatisfação com essas mesmas coisas; enfrenta sua própria acomodação com o estabelecido e se atira, mesmo com todo o temor, na busca do novo. Configura verdades que sabe que são efêmeras, mas precisa da verdade tanto quanto precisa saciar necessidades primárias. A verdade é uma necessidade e, por ela, o homem tece essa teia infundável de certezas que amanhã se tornarão mentiras nesse jogo de construção-desconstrução que instaura mentiras no trono da verdade. Mas, vazio, este espaço do saber não pode ficar. A humanidade utiliza tecnologias materiais e lógicas cada vez mais sofisticadas para descobrir a verdade, ainda que a cerceie sob os muros da censura; ainda que a oculte sob os véus das palavras herméticas, guardando-a como tesouro precioso apenas para os ouvidos de poucos iniciados, difundindo em seu lugar pedaços de verdade, ou mesmo a negação da verdade – seja por controle, seja por crença de que aquela é toda a verdade, seja por compreender que aquela é a verdade a que foi possível se chegar naquele momento com as tecnologias que se dispunha.

O homem não tem apenas vontade de saber, como afirma Foucault⁷, ele tem necessidade de saber. As verdades estabelecidas saciam enquanto preenchem o espaço da significação. A produção dos saberes no mundo ocidental não se deu tão somente por impositivos do poder, que produziu instâncias discursivas, mas também interdições. Os discursos do poder organizados em saberes disciplinares revelam “a ‘vontade de saber’ que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento.” (Foucault, 2001b, p. 17). No instante em que as condições de existência do homem estão

⁷ Tese defendida por Foucault ao longo de sua obra, mas em especial em 2001c. No senso comum, os dois termos são usados como sinonímia para designar emoções que têm relações de parença, mas que são diferentes. Recorro à distinção para deixar clara a diferença de peso entre vontade e necessidade. A vontade é superficial e momentânea, leve, enquanto a necessidade carrega o fardo da fatalidade, como designa a etimologia da palavra: “aquilo que é inelutável, inevitável” (Nascentes, 1955). A vontade é administrável pela razão, pela ética e até mesmo pela política, nas relações que se estabelecem em quaisquer instituições que essas plasmem. A necessidade não comporta administração, mas saciedade, do contrário, o indivíduo perece.

arruinadas e destituídas de significado, o homem empenha-se na busca de novas verdades. A trajetória percorrida pela humanidade demonstra que conjunturas revolucionárias são instigadas por novas visões de mundo, ao mesmo tempo em que o trabalho político-revolucionário se empenha na consolidação de instituições inéditas calcadas em valores, crenças, princípios diferentes dos até então estabelecidos. Se o homem não se empenhar na busca da verdade, ele morre, pois, sem a verdade, sua vida é destituída de significância e sua existência não tem razão de ser. Para instaurar novas verdades, requer-se a destruição de antigas que, perdendo sua legitimidade como verdade e, conseqüentemente, seu poder, passam a ocupar o espaço da não verdade, isto é, transformam-se em mentiras. Por isso, o homem não pode parar de buscar a verdade, ainda que institua em seu lugar mentiras que, momentaneamente, não “podem ser reconhecidas como tais” (Eco, 1983, p. 54).

A verdade não é uma construção nem tampouco uma descoberta. A verdade não se dá a conhecer completa e inteira, tampouco é construída tijolo por tijolo. A busca da verdade é um caminho de trabalho. O caminho de busca da verdade é um trabalho artesanal. Um trabalho de arte que congrega coisas diferentes, visivelmente incongruentes – pequenos pedaços de coisas insignificantes que não serviriam para absolutamente mais nada, e consegue articulá-las em uma totalidade nova e plena de significado. É um trabalho de arte que nunca finda, pois há sempre um retoque que se pode dar para tornar a peça mais perfeita, melhor, mais bonita. É um trabalho meticuloso que demanda o olhar crítico sobre a coisa – o olhar que busca sempre fazer o melhor, que nunca aceita o pronto, o acabado, o perfeito.

Percorrer o caminho de busca da verdade é “abr[ir-se] para uma estética da existência.” (Cardoso, 1995, p. 63). Abrir-se para uma estética da existência requer a autonomia do homem. Sem ser livre, o homem

não chega à verdade. Livre de si mesmo, livre da lógica estabelecida, livre das coisas, palavras e pensamentos que dão significado ao real. Sem estar liberto do estabelecido, das verdades instituídas, impossível chegar à verdade. Libertar-se do estabelecido nem sempre é fácil, nem sempre é prazeroso. Pelo contrário, via de regra, é doloroso, quando não é traumático. Implica arrancar a pele que nos protege, servindo de filtro pelo qual passam as experiências vividas e, ao mesmo tempo, possibilita o prazer das coisas vivenciadas. Libertar-se do estabelecido significa virar o mundo de cabeça para baixo, promovendo a revolução do cotidiano. Requer também manter a atenção radicalmente instalada no presente, pois não se chega à verdade mantendo-se apartado da vida, seja vivendo no passado, seja situando nossas expectativas no futuro. Viver o presente, no presente, significa deixar de viver em abstrato⁸. Viver em abstrato é a atitude que banaliza as atividades corriqueiras, destituindo o presente de sua significância. Abandonar o viver em abstrato é a opção de voltar nossos olhos, nosso pensar, nossas ações para os lados, para o aparentemente insignificante e perceber a profundidade e a amplitude de vivenciar o presente, e não apenas passar por ele, deixando que ele nos leve. É compreender a plenitude do viver. Viver o presente no presente é ser radical, no sentido etimológico, é mergulhar em profundidade, é ir à raiz dos acontecimentos, é sair da superfície das coisas.

Sair da superfície da existência é buscar a terceira dimensão do reino de Hades. Este é um reino complexo, composto de três dimensões: na primeira dimensão, situavam-se as almas cujo destino é o sofrimento; uma segunda parte do reino é povoada por aqueles que ainda devem labutar para alcançar uma melhor posição no reino; o terceiro nível é para bens poucos – aquele onde se situavam os bem-aventurados. Se associada a uma moral cristã, o reino de Hades passou a significar o inferno que

⁸ Viver em abstrato significa aqui, banalizar as atividades corriqueiras, destituindo o presente de sua fecundidade para preencher o futuro, a partir das ações cotidianas (Maffesoli, 1996).

espera a todos nós além dessa existência terrena; laicizada, essa simbologia oferece-nos uma riqueza e uma complexidade de interpretação muito mais abrangente. Ressignificada, a passagem obrigatória por Hades simboliza a trajetória humana na busca da verdade. Trajetória que é, ao mesmo tempo, um caminho de trabalho de construção de sua consciência, de sua identidade, de sua personalidade e de sua individualidade. Enfim, de sua vida, de sua realidade, de sua história. Caminho de trabalho que é partilhado por aqueles que nos acompanham nesse barco. Trajetória na qual temos, quer queiramos, quer não, de atravessar certos percalços, de superar certos estágios. E cada um deles requer uma metodologia diferente, assim como para atravessar quatro rios de águas tão diversas, Caronte necessitava adotar procedimentos múltiplos na condução do barco.

As três dimensões do reino de Hades correspondem às três dimensões da verdade: o conhecimento; a convicção; a vivência. Alcançar o conhecimento é uma trajetória, mais das vezes, penosa, requer muito mais rigor, disciplina, método que prazer. Atingindo-se a inspiração como resultante destes (Weber, 2008). A convicção é um passo além. Estar convicto da verdade é estar de olhos abertos a todos os momentos para tudo e para todos – é ser alerta. Por isso, a convicção não corre o risco redundar em dogmas, pois o dogma é a crença no conteúdo da verdade. O conteúdo é provisório, é o resultado das condições e possibilidades do momento. É o invólucro resultante das disputas acontecidas e das tecnologias lógicas e tecnológicas disponíveis. A convicção é a confiança na infinitude da verdade e em seu poder norteador. Já atingir o último nível da verdade é para bem poucos. Vivenciar a verdade significa que se plasma, por adesão voluntária, a atitude de busca da verdade em nossos atos, palavras, sentimentos, pensamentos. É, no dizer foucaltiano, abrir-se para uma estética da existência. Quando se chega a esse nível, aproxima-se da sabedoria.

A busca da verdade é um trabalho artesanal em que as tecnologias e lógicas serão sempre obsoletas e a verdade plena sempre nos escapará das

mãos, assim como não se consegue reter a luz nas mãos pois, como afirma Nietzsche (1992), a verdade é uma mulher que não se deixa conquistar. Ao chegar à verdade, o homem não chega a uma coisa exterior a si mesmo, posto que ele é parte dela, está subsumido nela. Nesse caminho de trabalho, o sujeito cognoscente, que busca a verdade, constitui a si mesmo e a alteridade, uma vez que o conhecimento – primeira roupagem da verdade – elucida, propiciando condições para escolhas e posicionamentos (Weber, 2008). A convicção, segundo nível da verdade, possibilita a compreensão do que jaz subterrâneo à superfície das coisas. Compreensão porque esta é a ação de *prehando*, que significa abraçar, agarrar, atingir através dos sentidos, com *cum*, que quer dizer intensidade. Compreender é a atitude de espírito que requer empenho de todas as faculdades do sujeito de um modo ativo. Compreender não é, pois, contemplação, mas ação. Por isso, demanda disposição para a abertura, a flexibilidade e o trabalho. A vivência, último espiral da verdade, constitui e transforma o sujeito cognoscente, a alteridade, o conteúdo da verdade e as tecnologias de apreensão em um devir constante, perene, inexaurível. A verdade é sempre incompletude porque é infinita. Essa é uma busca sem fim.

Maria Zélia Borba Rocha é Doutora em Sociologia e professora da Universidade de Brasília na Faculdade de Educação. ✉ zrocha@unb.br

Referências

1. CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. Foucault e a noção de acontecimento. **Tempo Social**: Foucault, um pensamento desconcertante, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 53-66, 1995.
2. ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
3. ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios 1**: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

4. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
5. FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce que la Critique?. **Bulletin de la Société Française de Philosophie**. Paris: La communication du 27 mai, 1978.
6. FOUCAULT, Michel. ¿Qué es la ilustración? **Sociológica**, México, 7-8: 133-138, 1988.
7. FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
8. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
9. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 2001a.
10. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001b.
11. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2001c.
12. FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.
13. FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002b.
14. GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
15. GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
16. MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
17. NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livrarias Acadêmicas; Francisco Alves; Portugal: São José, 1955.
18. NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
19. STAROBINSKI, Jean. **Ação e reação: vida e aventuras de um casal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
20. TERNES, José. Michel Foucault e o nascimento da modernidade. **Tempo Social: Foucault, um pensamento desconcertante**, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 45-52, 1995.
21. WEBER, Max. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 2008.

Recebido: 10.09.2016

Aceito: 16.05.2017

